

Awani

O mensageiro entre a Terra e o céu

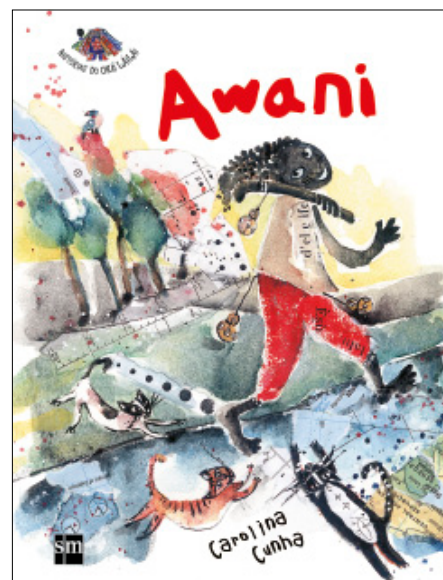
Carolina Cunha

Ilustrações da autora

Faixa etária a partir de 8 anos

64 páginas

TEMAS Cultura yorubá / Cultura afro-brasileira /
Valores universais (responsabilidade e reciprocidade)



A AUTORA E ILUSTRADORA Carolina Cunha guarda na infância suas primeiras memórias das lendas yorubás. Ricas de simbolismo e mistério, essas lendas povoam sua imaginação e orientam seu trabalho, no traço da ilustração e na palavra escrita. Algumas delas estão reunidas na coleção Histórias do Okú Láilái. *Awani* é um desses belos registros que revelam importantes fundamentos da tradição oral yorubá. Seu primeiro livro foi *Aguemon*, lançado em 2002. Para o público infantojuvenil, a autora também escreveu e ilustrou *ABC Afro-brasileiro* (2009) e *Mestre gato e comadre onça* (2011), ambos publicados por Edições SM.

A COLEÇÃO Histórias do Okú Láilái quer dizer “histórias de tempos muito, muito antigos”. Na língua yorubá, “okú” é o mesmo que “ikú”, morte. E “láilái” significa passado. Okú Láilái é, precisamente, a saudação de honra mais importante que se presta aos ancestrais.

Inspirada na mais exuberante e misteriosa figura do imaginário yorubá representada por Babá Egum (“babá” quer dizer pai e “egum”, espírito), o espírito dos ancestrais que retorna à Terra para visitar os familiares, a autora inicia esta coleção dedicada à divulgação da cultura dos candomblés evocando dois dos mais poderosos orixás de origem nagô: Eleguá – o imprescindível mensageiro de Olodumaré, o mesmo que Olorum, o deus supremo dos yorubás, e Yemanjá – a mãe do mundo e dos deuses yorubás.

Em sua reconstrução alegórica do mundo, estabelecida pela força da oralidade e da iconografia ritualística, todo o espaço dos livros é povoado de imagens, sons, afetos, marcas, reminiscências. Com isso, a autora reacende a importância de prestigiar a intelectualidade yorubana e o vínculo estreito entre o Brasil e o continente africano.

A saudação é o movimento inicial; sinaliza a abertura, o pedido oficial de licença para adentrar em território sagrado: “Ago”, como se diz em yorubá. Em seguida, outras preciosidades

da mitopoética jêje-nagô são trazidas com o objetivo de despertar os mitos: orikis ou poemas, orins ou cânticos, orações, onomatopeias, palavras mágicas – que também aparecerão durante e depois dos itans, as histórias narradas. A voz, acompanhada por palmas, gestos, danças e instrumentos, é apenas um dos recursos utilizados na comunicação.

Em seguida, um prólogo convida o leitor a refletir sobre as origens do Universo. E como as versões sobre o momento da criação variam no próprio território africano, cada livro da coleção traz uma delas.

Só depois disso, então, é que vêm as histórias. Nessa parte, a autora foge um pouco à tradição nagô, acrescentando elementos oriundos de vários itans. A linguagem utilizada por ela mantém todo o sabor da oralidade e cultiva a ideia de que o som e o significado das palavras são indissociáveis. O mergulho poético é intensificado com termos e exclamações do idioma original, introduzidos constantemente nos diálogos.

Na parte final, que varia de tamanho conforme a divindade homenageada, o livro traz curiosidades e informações extras explicando por quê, depois de tanto tempo, esses santos-heróis continuam sendo lembrados fora da África.

O cruzamento desses múltiplos legados linguísticos reflete um texto elaborado e acessível, constituído de uma simbologia coletiva e de uma utopia jêje-nagô, que ultrapassa o universo da religião e da cultura afro-brasileira para questionar a cena contemporânea mais ampla.

Cheias de humor e atitude, as ilustrações demonstram forte envolvimento com o divino e estabelecem conexões analíticas inusitadas que agregam consistência às narrativas.

Em sintonia com as tradições dos terreiros, os deuses são identificados por um sistema de cores aparentemente simples, porém rico em analogias. Esse código cromático está atrelado às modulações de temperamentos, aos poderes, às forças naturais e sobrenaturais e aos domínios em que as ações mágicas transcorrem.

Na geografia dessas histórias, tudo se reconcilia com as concepções cosmológicas dos povos jêje-nagôs. A África aqui apresentada é vasta: está estampada nos panos de fundo, na padronagem dos tecidos, nos adornos, nas pinturas de efun (em cor branca), na parafernália religiosa dos sábios, na geometria das formas, na fisionomia teatral e nas escarificações das faces humanas, nas comidas, na indumentária etc. Sempre se descobre algo novo ao olhar com atenção.



OBRA EM CONTEXTO

O MÚLTIPLO AWANI E SEUS CAMINHOS



MITO E MITOLOGIA

A mitologia (sistema de mitos que se relacionam entre si) tem ou teve papel central na vida de vários povos. Ela funciona ao mesmo tempo como religião e como lei. De um lado, ensina às pessoas determinada ordenação do mundo, respondendo às questões fundamentais que se colocam em todas as culturas: de onde vem o mundo? Por que as coisas são como são? De outro, é uma espécie de código de conduta, indicando a maneira como as pessoas devem agir no mundo – naquele mundo que ela própria descreve.

Os mitos são construídos como parábolas, metáforas de situações mais gerais, e servem de exemplos a serem seguidos. Assim também são os itans da mitologia yorubá. A interpretação do dilogun e do jogo de Ifá relaciona a caída das peças (búzios, opelê – colar de favas ou sementes – e outras) aos mitos de seus heróis ou deuses.

YORUBÁ

Os yorubás são um grupo étnico estabelecido na parte ocidental do continente africano, ao sul do Saara. Hoje, representam a mais numerosa etnia da Nigéria e também se encontram em outros países africanos, como o Benin. A cultura e a história desse povo remontam a mais de 2 mil anos. Sua chegada ao continente americano ocorreu principalmente a partir da segunda metade do século XIX, devido ao tráfico de escravos.

O livro apresenta dois itans (lendas yorubás) do orixá Awani ou Esu Odara. O primeiro, “Um dia escravo, outro dia adivinho”, conta como Awani aprendeu com Oxum a adivinhar a vida dos humanos por meio do jogo de búzios. O segundo, “O negócio dos galos”, narra uma disputa, motivada por Awani, entre três mulheres, com o objetivo de descobrir qual é a mais astuta, a que tem jogo de cintura, talento para os negócios, enfim.

Além das lendas propriamente ditas, a obra apresenta informações complementares que ajudam a situar o leitor na cultura e na **mitologia** do povo **yorubá**.

Logo no início do livro, um breve texto de apresentação dá dimensão da fantástica especulação que gira em torno do surgimento de Awani. Revela sua personalidade paradoxal, excêntrica, que está muito evidente nas duas histórias deste livro. Conta sobre sua chegada à Terra e explica como seu corpo se partiu em 256 pedaços, cada um deles guardando uma característica, depois espalhados pelos quatro cantos do mundo. É por isso, inclusive, nos explica o texto, que o orixá atende por vários nomes diferentes: Agba, Agbo, Ajelu, Akessan, Alaketu... Nomes que, ao cabo, unem todas as diferenças de Awani em uma “rede”, na qual “todos são mensageiros de Olorun”.

As primeiras frases da história ou do itan “Um dia escravo, outro dia adivinho” dizem: “Contam que Awani era o guardador dos caminhos na terra dos orixás. Vivía no vai e vem, viajando. Naturalmente tornou-se mensageiro. Um qualquer, não. Artista, piscava o olho e pronto: recado dado” (p. 12). E não é por acaso que a história começa assim. O fato de Awani guardar caminhos (e histórias) remete ao fato de estarmos em contato com uma cultura transmitida oralmente. Assim, as frases citadas, como muitas outras ao longo do livro, recriam as situações em que esses mitos costumam ser contados: uma pessoa narra a história, enquanto outras, em volta dela, escutam. O leitor é colocado na condição de ouvinte. O narrador, por sua vez, tal como quem conta a história oralmente, não participa dos fatos narrados, apenas retransmite o que lhe foi informado em ocasião anterior.

Além disso, o texto é repleto de expressões com a marca da linguagem oral, como quando o narrador diz: “E ela se agradou?”



ESCRavidÃO

A cultura e os mitos africanos foram introduzidos no Brasil a partir do século XVI. A figura do escravo, aquele que está sujeito a trabalhos forçados, aparece na primeira história, e era comum na África. Os escravos trazidos para a América eram frequentemente prisioneiros de guerra de tribos rivais, depois vendidos aos colonizadores.

O modelo de escravidão implantado pelos colonizadores, entretanto, era mais perverso do que o presente na África. Além de ter sido responsável pelo surgimento, na própria África, do comerciante de escravos, incluía a hereditariedade da escravidão: os filhos e filhas das escravas também eram considerados escravos. Esse foi um dos fatores que contribuiu para prolongar por tanto tempo a prática da escravidão no Brasil – o último país latino-americano a proibi-la.

Foi muito.” (p. 20). Esse jeito de contar uma história aparece com muito mais frequência na fala do que na escrita, afastando-se da chamada “norma culta” da língua. Tal recurso é bastante utilizado em textos literários para se obter inovações formais. É um meio de materializar o narrador e reconstituir o ambiente original desse tipo de narrativa.

No livro, a história conta que Awani “acabava ficando por dentro da vida de todo mundo” (p. 12), com exceção da vida de Oxum. Para se aproximar dela, Awani encomenda uma pulseira de ouro a seu irmão Ogum – orixá que domina os metais – e oferece a Oxum de presente. Nesta visita, Awani diz a Oxum que deseja aprender a adivinhar o destino dos homens. Em troca do aprendizado, Oxum propõe que, por um ano, ele a sirva como **escravo**. Dessa circunstância, podemos extrair uma lição: “O acesso ao conhecimento tem um custo, nada se aprende sem esforço”.

Se até este ponto da história Awani era o mais astuto pela maneira como conseguiu se aproximar de Oxum para



conseguir o que queria, a partir daí a situação se inverte. Como escravo, ele passa por maus bocados, pois Oxum “aproveitou e começou a pedir a Awani os mais variados favores...” (p. 24). Faz até com que ele a acompanhe ao mercado vestindo as roupas, as joias e a coroa da deusa, humilhando-o na frente de vários conhecidos.

Ao final do período combinado, Awani cobra de Oxum que cumpra sua parte no trato e lhe ensine a adivinhar. Ela se finge de desentendida, mas diante da insistência de Awani, acaba ensinando um tipo de jogo de adivinhação que se faz com dezesseis búzios, chamado de “dilogun”. Awani fica contrariado, pois aquele não era o jogo que ele vira o rei fazer: “O rei consultava o oráculo jogando búzios, moedas, um colar comprido com sementes e outros penduricalhos, ao que ia fazendo risquinhos numa tábua de madeira entalhada”(p.17).

E quem pode ser esse rei? Só pode ser Ifá, o primeiro balaô (adivinho) que existiu. Desapontado, Awani recolhe os búzios e, nesse momento, revela seu lado raivoso, semelhante aos humanos, prometendo perseguir as filhas de Oxum. Ele segue para o mercado e faz os primeiros jogos com os dezesseis búzios. As coisas que Awani vê no dilogun dizem respeito a fatos do dia a dia da vida dos dois homens que o interrogam. Não é como o jogo de Ifá, o jogo do destino, aquele que “fala sobre as grandes questões do ser humano”. E foi assim que Awani ganhou dinheiro e seu jogo tornou-se popular entre os yorubás.

Awani anda pelo mundo. Se tem dinheiro, bom; se não tem, também. É do tipo que se satisfaz com qualquer agrado, dorme ao relento, não tem frescura. O que Oxum lhe deu foi uma riqueza em forma de saber, de conhecimento. Com o tempo, a prática do jogo de búzios rende a ele um sustento regular, perpétuo. E nunca mais Awani passou qualquer necessidade.

“Um dia escravo, outro dia adivinho” ensina duas lições: se você quer alguma coisa, não vai consegui-la sem esforço; se faz algo, tem de arcar com as consequências.

ORGANIZANDO A VIDA

A segunda narrativa do livro, “O negócio dos galos”, se passa no mercado da cidade de Oió, onde Awani é Akessan. A história conta que três mulheres, Oyá, Oxum e Iemanjá, estão

SINCRETISMO RELIGIOSO

Os negros que chegaram ao Brasil e a outras colônias provinham de diferentes regiões do continente africano: Angola, Congo, Moçambique, Togo, Nigéria, Dahomé (atual Benin), Costa do Marfim, Costa do Ouro etc. Pertencentes a diferentes etnias, eles eram colocados nos navios e trazidos para cá, perdendo assim, a referência precisa da nação de origem e da posição social de cada um deles – sabe-se, por exemplo, que entre os escravizados havia reis, rainhas, princesas, pessoas de linhagem nobre como descendentes diretos do Alafin (governador) de Oió, que prestavam culto ao orixá Xangô. Por conta dessa mistura de povos e culturas, os ritos e cultos africanos, tão distintos em sua terra natal, sofreram influência uns dos outros após a chegada ao Brasil.

Além disso, a Igreja Católica influenciou, aqui, chamando a atenção especialmente para a dicotomia do bem e do mal, ou de Deus e do diabo. Por esta razão e pelo fato de se tratar de um personagem astuto, de caráter muitas vezes violento, vingativo, grosseiro e indecente — o que é acentuado pelo órgão sexual exposto em suas representações, o orixá mensageiro passou a ser malvisto no Brasil e suas características associada à do diabo.

inconformadas, pois não têm o que vender: “Que sucedia? Desordem da vida, vai ver” (p. 49). Como Akessan é quem toma conta das atividades no mercado – “garante abundância, fartura, prosperidade” (p. 75) –, resolve dar um jeito na situação e entrega às três mulheres dez galos, dizendo que podem ficar com o dinheiro arrecadado. Elas desconfiam, sabem que Awani é “astuto, irreverente, expansivo [...], adora inverter a ordem estabelecida, propor e resolver enigmas” (p. 71).

Contudo, desesperadas, as mulheres aceitam a oferta. E vendem nove dos dez galos, mas não há quem queira comprar o último – obra de Awani, certamente. Elas então desistem de vender o galo que sobrou; mas não sabem exatamente o que fazer com ele. Iemanjá sugere levá-lo para casa e com ele fazer um guisado. Oyá não aceita: diz que, se engordar o galo, pode vendê-lo por um preço mais caro outro dia, porém não quer dividir o dinheiro da venda com as outras. A briga “entornou de vez” (p. 63) e Oxum não tem nem a chance de dar sua opinião.

Akessan retorna e diz. “Pensei que dava boa ajuda quando ofereci os galos a vocês para vender!” (p. 64). Oxum, então, se posiciona e resolve o problema: dá o galo restante a Akessan, como forma de agradecer a oportunidade que ele deu a elas.

Akessan só aparece no início e no final da narrativa. Mesmo assim, ainda é o personagem principal. É ele quem cria as condições para que se estabeleça o conflito em torno do qual gira toda a história: quem deve ficar com o galo que restou? Ele é, na verdade, o único que poderia ficar com o galo, já que nenhuma das três mulheres tinha o direito de ganhar mais que





as outras, e não faria sentido dar a ave para outra pessoa. Mas a lição que se tira desse itan é que Akessan, ou Awani, deve sempre receber parte daquilo que se ganha no mercado, pois é ele quem abre as portas para o sucesso e os lucros! Aí estão implícitos sentimentos de reconhecimento, de reciprocidade, de retribuição, exaltados pelo povo yorubá. “Para evitar que apronte, convém agradá-lo com oferendas” (p. 75). Até hoje é assim: em terras africanas, brasileiras, cubanas, americanas, onde quer que estejam os descendentes desse povo.

O fato de a narrativa se passar em um mercado é muito importante. O texto que sucede a história diz que no mercado está “um tanto mais de cada coisa essencial à vida das pessoas comuns” (p. 75). Na cultura yorubá, como em muitas outras, o mercado é o lugar principal, onde circulam a arte, a religião, a política, o dinheiro e onde o comércio se faz. É um ponto de encontro, um centro para onde todas as coisas convergem: música, dança, teatro, poesia e, é claro, contação de histórias também.

AS ILUSTRAÇÕES

Cabe destacar a força das imagens que aproximam os leitores do texto. As aquarelas conferem um clima diáfano às cenas e às figuras que ilustram praticamente todas as páginas deste livro. Cores vibrantes, fragmentos de orikis, de cantigas (na língua original e em português) e de mapas, exuberância de vestimentas e enfeites introduzem os leitores no mundo mágico dos orixás. A plasticidade das diferentes representações de Awani sempre sugere movimento, afasta qualquer traço “demoníaco” e contribui decisivamente para configurar a infinita capacidade de transmutação do orixá diante das demandas da vida.

NA SALA DE AULA

Sugestões de leitura

Para o aluno

- ASARE, Meshack. *O chamado de Sosu*. São Paulo: Edições SM, 2005.
- BADOE, Adwoa. *Histórias de Ananse*. São Paulo: Edições SM, 2006.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *Um passeio pela África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, Carolina. *Aguemon*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Eleguá*. São Paulo: Edições SM, 2007.
- _____. *Yemanjá*. São Paulo: Edições SM, 2007.
- _____. *Mestre gato e comadre onça*. São Paulo: Edições SM, 2011.
- _____. *Ogum*. São Paulo: Edições SM, 2014.
- LODY, Raul. *Atlas brasileiro de cultura popular*. Salvador: Edições Maianga, 2006.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.
- MWANGI, Meja. *Mzungu*. São Paulo: Edições SM, 2006.
- VERGER, Pierre Fatumbi; CARYBÉ. *Lendas africanas dos orixás*. São Paulo: Corrupio, 1983.

Para o professor

- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARNEIRO, Édison. *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.

ANTES DA LEITURA

Sugere-se uma conversa com os alunos sobre seus conhecimentos prévios acerca dos assuntos envolvidos direta ou indiretamente no livro. Qual é a ideia que têm da África? Sabem onde fica? Religião também é um tema a ser discutido. Pode-se questionar que religiões eles conhecem, praticam e o que sabem sobre cada uma delas. Caso haja praticantes de diferentes religiões no grupo, é importante discutir o tema da tolerância em relação às crenças dos outros.

Também é interessante perguntar o que eles sabem sobre os mitos de origem (as explicações sobre como o mundo foi criado) de cada uma das religiões que conhecem. A partir daí, é possível ver as semelhanças e as diferenças desses mitos nas diversas religiões, além de debater como a ciência explica ou tenta explicar tais questões.

Mais especificamente em relação aos cultos de origem yorubá, pode-se fazer um levantamento dos conhecimentos que os alunos possuem (nomes de orixás, características, etc.) e das dúvidas que eles têm a esse respeito. Tais saberes e dúvidas podem ser sistematizados em uma lista, afixados em um quadro na sala de aula, e reaproveitados após a leitura.

DURANTE A LEITURA

Como as narrativas do livro vêm da tradição oral, sugere-se fazer a leitura com os alunos sentados em roda e o professor narrando. É importante que as histórias sejam lidas em trechos, com a apresentação e discussão das ilustrações correspondentes a cada um deles e sua relação com o que foi lido.

A forma poética das narrativas pode ser comparada com outros tipos de texto que os alunos já conhecem – poemas, matérias jornalísticas, o do último livro lido, etc. –, perguntando se o estilo do texto se parece com o de algum outro que eles já leram.

É interessante também destacar a personalidade dos orixás citados nas histórias. Pode-se, por exemplo, explicar que Oxum é a orixá das águas doces, da riqueza, e pedir para os alunos procurarem e sublinharem no texto trechos que confirmem esse

- FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- RAMOS, Arthur. *O folclore negro do Brasil*. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2007.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *O dia em que o povo ganhou*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Baía de Todos os Santos do século XVII a XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987.
- _____. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga Costa dos Escravos, na África*. São Paulo: Edusp, 1999.
- _____. *Notícias da Bahia – 1850*. Salvador: Corrupio, 1982.
- VIANNA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia: um ensaio clássico sobre a escravidão*. Salvador: Edufba, 2008. (Edição comemorativa ao centenário de nascimento do autor).



fato (o texto diz que em volta do palácio de Oxum havia um rumor de água; que um peixe recebe Awani na entrada desse palácio e que Oxum mergulha para buscar os búzios que entregará a ele).

Seguindo essa mesma linha, os alunos podem identificar nas histórias os diversos nomes pelos quais Awani é conhecido. No caso de Akessan, que só é claramente identificado como Awani do mercado de Oió no texto que sucede à história, um bom exercício de interpretação seria pedir para os alunos apontarem Akessan nas ilustrações e ver se notam semelhanças com as ilustrações que retratam Awani.

DEPOIS DA LEITURA

Este é o momento de retomar a lista dos conhecimentos e das dúvidas dos alunos preparada antes da leitura do livro. Pode-se comparar o que sabiam sobre cultura yorubá antes de ler as narrativas com o que sabem, depois de terminada a leitura. Seria interessante cada aluno pesquisar com mais profundidade, depois de já ter conversado sobre isso antes da leitura, determinada cultura ou religião pela qual mais se interessaram e, mais tarde, compartilhar com toda a classe os resultados da pesquisa, procurando encontrar semelhanças e diferenças entre as pesquisas realizadas pelos colegas (por exemplo, se são milenares ou contemporâneas, se são politeístas ou monoteístas, se há rituais comuns ou parecidos etc.).

Também é possível aprofundar a discussão de outros assuntos presentes no livro, tais como a questão da escravidão no Brasil e as influências da cultura yorubá na nossa língua (por meio de palavras incorporadas como iaiá, bumbum, dengo), na nossa música (com a introdução de ritmos como o ijexá, que é tocado para Oxum; de instrumentos como os atabaques, o agogô), na nossa gastronomia (as comidas preparadas com azeite de dendê – tempero apreciado por muitos orixás –, como o caruru e o acarajé, a pimenta-da-costa) e na nossa personalidade (com traços de alegria, simpatia, criatividade, religiosidade, ginga). Sugere-se ainda aproveitar a oportunidade para trabalhar com outras narrativas de origem mitológica, como as da mitologia indígena.

ELABORAÇÃO DO GUIA Sonia Aidar Favaretto (coordenadora pedagógica na escola Projeto Vida) e Carolina Cunha; PREPARAÇÃO Marcia Menin; REVISÃO Shirley Gomes.